Às 3h37, o telefone acorda-te.

A tua mãe fala em voz baixa e, apesar disso, ouves claramente cada sílaba.

— Mareček, o avô morreu.

Não captas nada de especial nesta frase, nada de urgente, e por isso nem sequer consegues acordar a tempo. A tua mãe desliga o telefone sem que tenhas sido capaz de dizer seja o que for. Sentas-te, esfregas os olhos.

Por um momento, a escuridão nas paredes parece-te uniforme, mas, aos poucos, vais descobrindo zonas perturbadas por faixas distorcidas de luz dourada da rua. Manchas nas quais não te consegues focar.

Ocorre-te que há certas coisas que ainda não contaste a ninguém. Por exemplo: no oitavo ano, não foi o Filip que te empurrou das escadas. Caíste por estupidez própria e, quando recobraste os sentidos, quiseste aproveitar a situação. Por incrível que pareça, tudo correu relativamente bem. Apenas algumas semanas depois, estás sentado na sala do diretor da nova escola a ouvir um homem grisalho com faíscas nos olhos. Vocifera:

— Não tolero nenhum tipo de *bullying* nesta escola, de forma nenhuma!

Tiveste uma segunda oportunidade, pelo menos de acordo com a tua mãe.

— Tenta não dar muito nas vistas, está bem? — adverte-te, enquanto caminham juntos pelo corredor até à sala de aula. Estavas determinado a passar despercebido. A não seres diferente, a não falares à frente de ninguém sobre as coisas que te passavam pela cabeça. A não revelares quem és. Aprendeste a ter cuidado com cada passo, a não abanar desnecessariamente as ancas e a não ficar a olhar demasiado tempo para os outros. Antes de entrares na sala, pigarreias, experimentas uma nova voz, mais grave, e desde essa altura que ninguém te conhece por dentro. Baixas os olhos sempre que os rapazes começam a falar de raparigas. Finges, ris com eles e, algum tempo depois, seguindo o exemplo dos outros, pões uma mulher nua como fundo de ecrã do teu telemóvel.

Na realidade, nem consegues olhar para ela. Por outro lado, recordas-te de como o teu avô te arrancou o telemóvel das mãos, alguns dias depois. Estavam naquela altura a visitá-lo na clínica de Kroměříž, esticou-se, deitou a mão ao telemóvel e quase caiu da cama. Ficou um bom tempo a examinar o ecrã, acenando com a cabeça em sinal de aprovação.

Porque é que não contaste nada disto a ninguém?

O avô morreu, só que o tempo continua a correr. O tempo flui e nas correntes de luz da rua procuras alguma memória, algo que te possa levar de volta. Na escuridão, ouve-se a respiração de um outro corpo, o Jakub resmunga durante o sono, vira-se para o outro lado, é noite e, apesar disso, há uma infinidade de sons que continuam a fazer-se ouvir pela cidade. Através da janela aberta chega até ti o barulho dos carros e de um grupo de homens aos gritos na rua, acabado de sair de uma taberna entretanto fechada. Por vezes, captas fragmentos de palavras alheias, risos. Não encontras aí nada que te faça sentir tristeza. Esperas um bocado por alguma mudança, estás sentado com a cabeça ligeiramente inclinada, tamborilas distraidamente com os dedos no ecrã do telemóvel.

Aquilo que não existe à tua volta, também não encontras dentro de ti. Em vez da tristeza, tateias através de um espaço silencioso, sem

palavras. Parece-te um pouco estranho que, de repente, não te consigas recordar do rosto do teu avô e, em vez da sua verdadeira aparência, vejas apenas rostos de fotografias antigas.

Tentas recordá-lo, ainda mais uma vez. Não restou absolutamente nada dele.

Marcas o número da tua mãe, pois apercebes-te de que nem sequer lhe perguntaste como ela se estava a sentir.

Ela atende logo o telefone, mal tens tempo de pô-lo ao ouvido.

— Era para ter ido vê-lo hoje de manhã.

O aparelho emite a sua voz pela penumbra do quarto, ela reflete-se nas paredes e, enfraquecida, regressa até ti através do espaço.

— Tenho aqui um saco preparado para ele, tenho tudo o que ele me mandou levar.

No entanto, recordas-te bastante bem de outras coisas. Outros rostos, outros sentimentos. Outras histórias.

Talvez seja por teres herdado da tua mãe a história do teu avô. As tuas próprias memórias permanecem marginalizadas, em segundo plano, como personagens fora da ação. Personagens que, aparentemente, já cumpriram os seus papéis e agora aguardam fechadas em quartos perdidos na memória. Aquele avô que conheces — que conhecias — tornou-se como era graças a ela.

Com algumas exceções, tinha passado os últimos anos da sua vida numa clínica psiquiátrica. Um dia, sem mais nem menos, perdeu o juízo, começou a ver coisas que mais ninguém via. Os médicos da clínica de Kroměříž atribuíram isso à sua doença, ao excesso de álcool e aos cigarros. *E também, aqueles pulmões*. Destruídos, corroídos pelo alcatrão. Já não conseguiam mais conservar a memória e ela começava a desfazer-se com eles.

A tua mãe recordava-se dele com frequência. Já quando eras pequeno, contava-te o que significava crescer com alguém assim, o que o álcool tinha feito ao avô, quantas vezes ela e a avó tinham esperado pacientemente prostradas à frente da taberna durante horas, só para não terem de ir lá dentro buscá-lo.

Na maior parte das vezes, ela terminava numa noite específica. Naquela que tinha mudado tudo. Regressava a ela sempre igualmente

abalada e confusa, como se a cada retorno se abrisse um novo caminho, portas para quartos até então fechados, e ela compreendesse algo que antes lhe tinha escapado.

A tua primeira lembrança do avô está envolta numa estranha névoa, às vezes tens a sensação de que a deves ter inventado. Não tinhas nem cinco anos, estavam ali, logo acima do Hotel Jana, a observar o rio Bečva que tinha transbordado do leito e inundava o pátio da escola até ao estacionamento. Seguravas o avô pela mão, enquanto lá em baixo a água castanha cheia de espuma roçava nas fachadas dos edifícios. O avô observava tudo em silêncio e, então, de repente, apontou para cima, para o bando que voava em círculos no céu, e disse:

— Estás a vê-las? Estão confusas porque não têm onde poisar. Normalmente, não têm problema nenhum em voar por cima da água. São muito espertas, conseguem voltar ano após ano ao mesmo lugar.

Fitaste-o boquiaberto, absorvendo cada palavra:

— Mas imagina uma andorinha e imagina que ela olha para baixo e, de repente, já nada é como dantes. Sabes, a natureza deu-lhes uma bússola, um pedacito de metal aqui no bico, graças a ela, voam à vontade distâncias enormes, até mesmo às cegas. Mas, para poisar, continuam a precisar de ver.

Ele move o dedo na direção da mancha preta que, a intervalos regulares, descia a voar e soltava um longo guincho desesperado.

— Ali, olha! De certeza que estão a tentar encontrar o lugar onde costumam poisar.

Engoles em seco. Hoje, vês o eco dessa memória de uma forma diferente, mais nítida. Tens a certeza de que, naquela altura, a nenhum de vocês ocorreu a ideia de que tudo o que ele tinha dito aplicava-se igualmente às pessoas; nós também estamos sempre a tentar regressar a nós próprios, a voltar a lugares que há muito não são mais os mesmos.

Tens dez anos. Fora a quantidade de livros que leste e o facto de não conversares muito com ninguém, não há nada de estranho em ti. O mesmo, porém, não se pode dizer do Marián, o rapaz que chegou à tua turma a meio do ano letivo. O Marián era calado, usava umas calças de ganga com um corte afunilado pouco habitual e tinha cabelo escuro, mais comprido. Na verdade, foi nessa altura que o identificaste pela

primeira vez com a descrição do professor Snape. *Com cabelo preto e oleoso, nariz aquilino e tez amarelada.* Só que, em vez de tez amarelada, tinha a pele escura, salpicada por pequenas manchas brancas. Sentava-se de pernas cruzadas e na escola passava todo o tempo sozinho. Tinha um cheiro estranho e, da distância da tua carteira, o pescoço alongado parecia-se com o de uma menina. Naquela época, o Marián chamava a atenção de toda a turma. Os outros rapazes costumavam despejar-lhe o conteúdo do caixote do lixo para dentro da mochila, nas aulas de Educação Física empurravam-no de propósito. Mais tarde, no balneário, reparaste nos hematomas que tinha pelo corpo todo. Era maricas e paneleiro e andava como um pato enrabado e era um coninhas preto. «Pior que qualquer gaja», gritavam-lhe no intervalo, enquanto os professores se punham a caminho dos seus gabinetes, ou seja, fingiam que não ouviam. Também tu disseminavas à tua volta as mesmas palavras, esperando que ninguém reparasse nas tuas pernas cruzadas, nos teus olhares para os corpos suados no balneário. Afinal, ainda te lembravas. Ainda sabias como era estar do outro lado. Até recentemente, eras tu próprio o alvo de palavras semelhantes. Também tu eras o *maricas*. O *cromo*. E muitas outras coisas. Também tu voltavas para casa com a alça da mochila arrancada, com a t-shirt rasgada.

No interior destas recordações, estás sentado na carteira e olhas distraidamente pela janela. O Marián volta do quadro, onde a professora o tinha examinado, talvez por demasiado tempo. O cheiro forte a amaciador das suas roupas ainda paira na tua memória. Está mesmo a sentar-se quando o Filip, na carteira de trás, lhe puxa a cadeira. O tempo não para. O tempo acelera, o Marián levanta os braços e bate com a cabeça na borda da carteira. O baque surdo é seguido pelo estrondo da cadeira. Uma pancada abafada. Silêncio. Tudo aconteceu mais rápido do que o teu cérebro tinha sido capaz de processar. Lembras-te mais da sequência de sons do que do movimento em si. Mais do que da reação dos outros, lembras-te da poça de sangue que escorria do corpo do rapaz. Um corpo frágil, que não se encaixava nos padrões, assim como o teu próprio corpo.

Tens vergonha de ti próprio; há imagens às quais regressas apenas com relutância, quando tudo está silencioso e escuro à tua volta e não

tens outra escolha. Já compreendias, naquela época, o quanto tudo isso te afetava?

O avô gostava de afirmar que a única coisa que Hitler tinha feito de bom era ter posto ciganos e paneleiros em campos de concentração. No mundo dele, não havia qualquer impacto das palavras nos corpos aos quais se referiam, sempre se tratou apenas de poder dizer, finalmente, em voz alta, a *verdade*. «Mas onde é que anda a puta da liberdade!?», gritava irritado para a televisão, sempre que algo lhe desagradava; sempre que alguém o contradizia. Não se apercebia da dor que uma expressão pode causar, um impacto comparável ao de um golpe na cabeça. Afinal, as palavras não conseguem tornar a vida impossível, não acumulam inchaços na memória. «Isso é só conversa de chacha», dizia a mãe, mas, com isso, acalmava-se sobretudo a si própria. O avô nunca associou o que dizia a um soco no rosto do próprio neto.

Hoje já sabes que tão facilmente como uma palavra se pode tornar uma arma, a violência pode substituir a linguagem. Um soco é, muitas vezes, apenas uma frase que toda a gente compreende.

Naquela altura, levaram o Marián e toda a turma ficou em choque. Ninguém disse uma palavra, ninguém se atreveu a mover-se do lugar. No dia seguinte, porém, tudo continuou no ritmo do costume. Nem sequer te detiveste diante da carteira vazia e fingiste não ouvir os gritos vindos da sala do diretor, onde a mãe do rapaz queria que lhe explicassem o que tinha acontecido exatamente.

Alguns meses depois, o Filip — que, por milagre, se tinha conseguido safar da situação — deixou-te sem respiração numa aula de Educação Física. Nessa altura, o Marián já tinha regressado, no início todos andavam à volta dele em pezinhos de lã e o Filip andava furioso. A vossa professora sentou-o de propósito na carteira com o Marián, «Vocês precisam de aprender a respeitar-se um ao outro», proferiu as suas ordens e recusou-se a discutir mais o assunto. O Filip precisava de descarregar noutro lado a raiva acumulada e a frustração por não ter com o que se entreter. Naquele dia, tiveram de praticar salto em comprimento, chegou a tua vez, correste, contaste os passos, mais três, mais dois, esticaste os braços — e, mesmo antes do salto, o Filip passou-te uma rasteira. O sangue do lábio mordido tinha a mesma cor que o

sangue recém-guardado na tua memória. Em menos quantidade, mas o sabor amargo ainda hoje vibra no teu corpo.

Lembras-te do verão em que tudo mudou. Da escuridão atrás da janela de um apartamento alheio, da queda pouco antes; de como algumas coisas estão relacionadas, mesmo que tu próprio não o vejas. Tudo está interligado. Até mesmo o ataque do teu avô e o rosto infeliz e chateado da tua mãe. Lembras-te dos dias antes e dos dias depois e ocorre-te mais uma vez: há coisas que ainda não contaste a ninguém.

Nunca acreditaste em histórias que se baseiam em apenas um único ponto de vista. Se te tivessem perguntado ontem, terias respondido que recordar o avô não traria nada que se aproveitasse — ou seja, havia demasiadas coisas das quais não fazias ideia. Há tantas coisas das quais não te lembras. Além disso, nem tudo tem a ver com ele. Lembranças perdidas, lacunas na memória. E se a resposta estiver noutro lugar? E se a chave estiver precisamente nessas lacunas, bastando inserir nelas imagens díspares para mostrar que mesmo histórias alheias, aparentemente não relacionadas, estão interligadas entre si?

Foi a tua mãe que fez do teu avô um ser humano outra vez. De toda a família, só ela estava disposta a cuidar dele. Compreender que as pessoas podem mudar. Dar-lhe uma segunda oportunidade. Tal como tu tiveste naquela altura, como tiveste tantas vezes e como ainda terás outras tantas vezes na vida. Ela sacrificou uma parte de si por vocês, e tu, até hoje, ainda não consegues perceber porquê.

De manhã, acordas cansado e confuso, tens na cabeça uma única pergunta, uma única frase. Já não te lembras onde a leste. «Mas quem sou eu para mim próprio, para ter de me recordar e pensar nisso tantas vezes?»[1] Abres os olhos e o espaço à tua frente é uma parede branca — sólida, sem sombras — faltam-lhe medidas e profundidade. Fechas os olhos. *Outra coisa que não isto*, respondes em voz baixa e voltas a abrir os olhos. A esta hora, os sons da rua irrompem pelas vidraças. Em algum lugar, por baixo de ti, a cidade segue o seu curso — os carros continuam a parar nos cruzamentos, os elétricos a passar e o som do semáforo.

[1] Tradução realizada a partir da versão checa. A referência à publicação original em inglês encontra-se indicada em Agradecimentos. *[NT]*

O seu ritmo alternado perturba o bater do teu coração; algo com o qual tens problemas desde pequenino, as contrações musculares tornam-se subitamente irregulares, o intervalo entre os batimentos prolonga-se. O Jakub costuma dizer-te para ires ao médico.

À noite, o semáforo permanece silencioso e, apesar disso, o seu som continua na tua memória.

Apanhas o telefone da mesa e ligas à tua mãe. Nos espaços entre as palavras, ouve-se o barulho da oficina.

— Só me deixam ir para casa logo à tarde — sussurra, com a voz a falhar.

Consegues recordar o rosto da tua mãe. Durante a maior parte da vida, o avô tinha-a feito sofrer e ela só excecionalmente se lembrava de algo de bom da infância.

— Eu, na mesma, tenho de acabar uma coisa, sei muito bem que o mundo não pode parar por causa dele.

Sentas-te, acendes o candeeiro, apesar de já estar claro lá fora. A língua em que pensas não te parece, assim tão cedo, aquele instrumento inquietante e perigoso, algo com o qual consegues dar golpes, e, muito menos, algo com o qual pudesses expressar o sentimento de que o avô tinha desaparecido. Não és capaz de dizer quem ele era para ti, tal como muitas vezes não consegues nem sequer expressar quem és, descrever a presença de outro corpo ao teu lado, o calor da estranha certeza de que aquele corpo ainda estará ali por algum tempo.

Expiração, inspiração, estalos no estrado da cama.

Essa certeza transborda para as imagens, para os sons ao teu redor. Da mesma forma como o ritmo do semáforo influencia o teu batimento cardíaco ou como a regularidade dos gritos da rua interrompe o fluxo dos teus pensamentos. Se aquilo que não és capaz de pronunciar, consegues apenas insinuar, fazer pressentir o que as palavras encobrem — será realmente possível expressar uma coisa de modo a que não pareça outra, fragmentada em diversas partes incompletas?

Olhas à tua volta pelo quarto para te certificares disso. Para te aproximares da verdade. Só consegues, no entanto, evocar uma nova série de memórias. Chegam subitamente, sem nexo, algumas que têm apenas uma vaga relação com o teu avô, outras não têm nenhuma.

Tens cinco anos e o teu pai levou-te a andar de gaivota na barragem de Plumlov. Vês toda a cena à distância, estás de pé na margem e observas a tua versão infantil a afastar-se pela água.

Tu-criança hipnotiza com o olhar o tubarão gigante pendurado no telhado da loja de aluguer de barcos. Duas figuras partem no escuro pela superfície imóvel da água até a meio da barragem. Tu-criança observa o tubarão a desaparecer, enquanto as imagens na tua cabeça produzem outros tubarões. Nadam sob a superfície e, a cada movimento do pedal, tu-criança imagina as suas mandíbulas a bater no casco. O teu pai ergue o braço, apontando para a silhueta do castelo que se erguia não muito longe dali, o relógio sai-lhe disparado do pulso. A sua trajetória leva-o diretamente para baixo da superfície escura, para o reino dos tubarões imaginários, onde, depois de alguns quilómetros, se atola no fundo arenoso. Uma cena em que o *Coração do Oceano* agita a areia do mar. Plano do rosto de Rosa, plano da equipa de arqueólogos, plano do teu pai que, com uma expressão transfigurada, despe a t-shirt e com as palavras «não saias daqui» salta para a água.

Quando o pai emergiu, não tinha o relógio com ele. A mãe contou-te isso tantas vezes que já não te recordas de como tudo aconteceu e, talvez por isso, não consigas ver essa memória com os teus próprios olhos. A versão dela foi-se tornando, com o tempo, o modelo para o acontecimento real e tu deixaste efetivamente de distinguir entre a história da tua mãe e o estado original das coisas.

Regressas muitas vezes a essa cena. Lembras-te do pânico, sentes as ondas de raiva a fluir pelo teu corpo mesmo depois de tanto tempo. Parece-te que o teu pai está há horas debaixo de água. Passaram-se dias, séculos inteiros e imaginaste os mais diversos cenários: um tubarão com uma perna humana na mandíbula; o rosto imóvel do teu pai a afundar-se na escuridão. O teu pai, no entanto, conseguiu voltar das profundezas e trepar para a gaivota, onde te encontrou com o rosto roxo, repleto de raiva e de lágrimas.

O que é estranho nessa memória é o facto de existirem tantas versões diferentes. És o único que se recorda do tubarão no telhado da loja de aluguer; o único que estava na gaivota no meio da massa de água e no qual recaía todo o peso do mundo infantil. O teu pai, por sua vez, rejeita

a existência do relógio e, em vez dele, recorre ao telefone, à carteira, a qualquer coisa que, num dado momento, lhe pareça um bem mais essencial à vida humana. Não tem a certeza se era uma gaivota ou um barquito. E talvez a tua mãe, que recebeu tudo em segunda mão, esteja, afinal, mais próxima da versão original. A sua narrativa permanece desgastada apenas pelo passar do tempo, arrancada da memória, porque, para ela, tudo aquilo nunca tinha verdadeiramente acontecido.

O que são as memórias, senão histórias? Recordas-te delas na suposição de que pertencem à mesma pessoa que eras outrora. Entrelaças as memórias numa rede, sentas-te nelas como se fossem elas que te mantêm à tona da água. Na realidade, porém, a cada narrativa transformam-se em algo diferente, distante.

Um par de meses depois da cena da gaivota, outro fragmento: estás com o teu pai no hotel onde ele antes trabalhava. Enquanto assistes à Cartoon Network, o teu pai está no duche. Não têm esse canal em casa e, por isso, não consegues tirar os olhos do ecrã. Há um fedor terrível no quarto. O teu pai sai da casa de banho, gritas-lhe que algo cheira assustadoramente mal, pedes amavelmente que lave os pés outra vez. Lembras-te de que ele teve de ir a algum lugar e tu continuaste a assistir à televisão até ao momento em que a imagem se transformou em ruído estático. As fronteiras dessa memória não são, no entanto, mais reais do que a interseção de todas as outras versões armazenadas — conhece-la mais como um texto que recitas em voz alta, alterando as cenas individuais, os detalhes menores e maiores, conforme a quem a contas.

Vem-te logo à cabeça outra recordação: estás com o teu pai em frente ao lavatório, tu em cima de um banquito, ele com os pés firmes no chão. Ambos têm espuma branca no rosto, que removem com giletes em longos movimentos descendentes. A tua não tem lâmina, mas isso não te impede de repetir os movimentos cuidadosos do homem ao teu lado. Assim que terminam, enxaguam a espuma no lavatório e o teu pai seca-te o rosto com uma toalha. Em seguida, coloca a gilete ao lado da tua no copo e todo o ritual enche-te de felicidade.

O problema surge quando avanças com o tempo alguns anos para a frente e, no monte de fotos que o teu eu ansioso leva consigo ao

mudar-se para a faculdade, encontras a cena junto ao lavatório fielmente capturada.

Independentemente do que a foto te mostra, o que vês é uma memória.

Tentas agora determinar a época em que a foto foi tirada — provavelmente, pela tua mãe — e já não te lembras de mais nada. O que levou a ela? No máximo, sentes novamente os movimentos do plástico sobre o rosto liso, a espuma no lavatório, diluída em água. A humidade condensada no espelho.

De alguma forma, essa foto tornou-se um modelo da realidade, um molde para uma falsa memória. Viste-a pela primeira vez quando eras um pouco mais velho, alguém deve ter-te mostrado, ou roubaste do armário uma pilha de álbuns de fotografias e levaste-os em segredo para o teu quarto. Será que não te lembras de tudo isso de uma forma errada? Distorcida? Talvez o teu pai esteja certo, ligaste umas tantas memórias juntas. O resultado não faz sentido para mais ninguém.

Antes mesmo de te mudares para Praga, terminar os estudos e, finalmente, deixares para trás tudo o que te ligava ao lugar onde cresceste, à tua própria família, pensavas que não tinhas nada em comum com a tua mãe. *Não temos nada para dizer um ao outro.* Brincas com a frase na língua, invocando-a como um feitiço que te liberta. Da dor, para longe da vergonha, para longe de tudo o que ainda hoje te assusta.

Levantas-te, apanhas a camisola do chão, veste-la. Na cozinha, pões a cafeteira ao lume e, enquanto esperas que pingue café o suficiente para pelo menos uma chávena, sentas-te numa ripa de madeira junto à janela e encostas-te à parede. Vês um amplo pátio interior à tua frente, dividido numa grelha composta por jardins e zonas de betão para estacionamento. Dali, veem-se as pontas das torres da igreja e, sobretudo, mais e mais janelas.

Quando eras pequeno, cada janela, cada reflexo nelas e até mesmo o reflexo da tua janela na janela do prédio em frente representavam, para ti, uma nova possibilidade para onde fugir. Espreitar para o interior significava espreitar para a vida alheia e, pelo menos, por um momento, não pensares só na tua. Hoje já sabes que, se olhares de perto o suficiente, em algum lugar dentro de cada história e de cada janela encontrarás sempre um reflexo, deturpado e distorcido, de ti mesmo.

Pensas que algo não te diz respeito e, mesmo assim, por trás do vidro, aparece-te sempre, no mínimo dos mínimos, a tua sombra.

Lembras-te de como, num dia do verão de 2007, o teu avô foi levado pela primeira vez de ambulância do apartamento no último andar do seu prédio em Přerov e, na penumbra, olhavas pela janela de uma cozinha alheia e observavas o teu próprio rosto no reflexo das luzes dos candeeiros da rua. Nem sequer te ocorreu que os acontecimentos das semanas anteriores tinham conduzido precisamente a este lugar e que os sons que se refletiam nas paredes e chegavam até ti pela janela aberta e por uma série de portas abertas poderiam trazer consigo algo mais do que apenas som.